



MUNICÍPIO DA ESTÂNCIA BALNEÁRIA DE PRAIA GRANDE

Estado de São Paulo
SEDUC - Secretaria de Educação

SEMANAS 35 e 36

SALA DE AULA



Disciplina: Língua Portuguesa

9º ano do Ensino Fundamental

Caro(a) aluno(a), esperamos que você e sua família estejam bem! Nesta atividade, iniciaremos a leitura do texto “Conto de escola”, de Machado de Assis, e terminaremos na atividade “Ponte do saber”. Preparado? Estamos na reta final! Bons estudos!

Leia o conto e responda às questões de 1 a 8.

Conto de Escola¹

Machado de Assis

A ESCOLA era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant’Ana, um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dous suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a caixa de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

— Seu Pilar, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre. Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencida com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

— O que é que você quer?

— Logo, respondeu ele com voz trêmula.

¹ Este conto, ambientado em 1840, no Rio de Janeiro, publicado na Gazeta de Notícias em 1884, é considerado por muitos críticos um dos contos mais famosos de Machado de Assis. A história narrada tem como contexto histórico o fim do Império, a Abolição dos Escravos e a Proclamação da República. Fonte: <https://www.coladaweb.com/resumos/conto-de-escola>

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei [...]. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

— Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

— Não diga isso, murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

— Seu Pilar... murmurou ele daí a alguns minutos.

— Que é?

— Você...

— Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me queria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde...

— De tarde, não, interrompeu-me ele; não pode ser de tarde.

— Então agora...

— Papai está olhando

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as ideias e as paixões [...]. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo — dez ou doze minutos — Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

— Sabe o que tenho aqui?

— Não.

— Uma pratinha que mamãe me deu.

— Hoje? — Não, no outro dia, quando fiz anos...

— Pratinha de verdade?

— De verdade.

Tirou-a vagorosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuido que doze vinténs ou dous tostões, não me lembro; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

— Mas então você fica sem ela?

— Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma ideia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a cousa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes [...]. O pobre contava com o favor, — mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma cousa, um cobre feio, grosso, azinhavrado... [...]

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000268.pdf>

Vocabulário:

Dous: dois.

Suetos: folga, descanso.

Sova: ato de bater, espancar.

Caixeiro: pessoa que trabalha em estabelecimento comercial atendendo os clientes no balcão.

Cordovão: couro de cabra, de textura unida.

Rapé: pó fino feito de tabaco juntamente com um composto de cascas de árvores, ervas e outras plantas.

Mofino: que não demonstra alegria, infeliz.

Cousa: coisa.

Palmatória: é um instrumento, geralmente de madeira, usado para castigar alguém com golpes na palma da mão.

Azinhavrado: camada de cor verde que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar úmido.

1- Ao ler o título do conto, é possível saber do que se trata a história? Comente.

2- O narrador personagem, no início do conto, decide ir à escola porque

- (A) sofreu agressões físicas de seu pai, o qual descobriu que havia faltado na escola por duas vezes.
- (B) entendeu que estudar era importante para exercer a profissão almejada por seu pai.
- (C) lá poderia estudar e brincar com seus amigos na hora do lanche.
- (D) seu pai o deixou de castigo por não querer seguir a profissão de caixeiro, desejada por seu genitor.

- 3- Na frase “Reunia a **isso** um grande medo ao pai”. O pronome demonstrativo em destaque refere-se às características de
- (A) Curvelo: “criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre”.
 - (B) Pilar: “mole, aplicado, inteligência tarda”.
 - (C) Policarpo: “criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre”.
 - (D) Raimundo: “pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda”.
- 4- O arrependimento do menino Pilar de ter ido à escola deve-se
- (A) ao momento em que ele viu seu papagaio de papel voando aos cuidados de seus amigos Chivo Telha, Américo e Carlos das Escadinhas.
 - (B) ao fato de ficar preso dentro da sala de aula enquanto seus colegas se divertem pelo campo de futebol que fica dentro da escola.
 - (C) à situação vivenciada por ele: preso na sala de aula estudando e, enquanto isso, seus amigos brincando pelo campo e morro e um papagaio voando sob o morro demonstrando leveza e liberdade.
 - (D) ao fato de se sentir preso dentro da escola estudando matemática com o livro sob suas pernas.
- 5- Sobre as personagens, é correto afirmar que
- (A) Raimundo era um menino esperto, entendia a lição rapidamente, mas tinha muito medo do professor Policarpo.
 - (B) Policarpo era o professor da turma e Curvelo era seu assistente.
 - (C) Pilar era um garoto inteligente, que concluía rapidamente as lições propostas pelo mestre.
 - (D) Raimundo era uma criança alegre, saudável e ágil nos deveres escolares.
- 6- Destaque um trecho do conto que descreve as características das seguintes personagens:
- A) O professor Policarpo.
 - B) Pilar.
 - C) Raimundo.
 - D) Curvelo.
- 7- Sobre a proposta feita pelo Raimundo a Pilar, assinale (V) para verdadeiro e (F) para falso, nas afirmações abaixo:
- A) () Raimundo ofereceu uma moeda de prata para Pilar em agradecimento por tê-lo ajudado em situações anteriores.
 - B) () Raimundo e Pilar estavam atentos aos olhares curiosos de Curvelo enquanto conversavam baixinho na aula.
 - C) () Pilar não ficou surpreso com a proposta feita por Raimundo, pois esse tipo de troca era comum entre eles.
 - D) () Para Pilar, independentemente da proposta feita por Raimundo, ele o ajudaria nas lições que seu colega tinha dificuldade.
 - E) () Raimundo ofereceu uma moeda de prata a Pilar em troca de ajudá-lo a entender as lições.
 - F) () Raimundo tinha muito medo de seu pai e não queria ficar de castigo por não conseguir fazer a lição, por isso recorreu ao seu colega de turma, Pilar.

8- Após a leitura do conto, percebe-se que

- (A) tem foco narrativo em primeira pessoa e a história se passa em um ambiente familiar.
- (B) o narrador personagem conta sobre a relação entre o professor e o aluno Raimundo, seu filho.
- (C) o narrador observador relata a proposta que recebeu de seu colega Raimundo para ajudá-lo.
- (D) tem foco narrativo em primeira pessoa e a história se passa em um ambiente escolar.

SAIBA MAIS!

Que tal assistir ao vídeo para entender melhor a história? Essa produção é uma adaptação do conto e foi produzida por um grupo de alunos, numa linguagem simples e de fácil entendimento. Se puderem, assistam!

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=fzDYwat-nzs&t=62s>



SAIBA MAIS!

Machado de Assis (1839-1908) é um dos maiores representantes da literatura brasileira do século XIX. Machado deixou um conjunto vasto de obras. Foi contista, cronista, jornalista, poeta e teatrólogo, além do que é o fundador da cadeira n.º 23 da Academia Brasileira de Letras.

Nasceu no morro do Livramento, Rio de Janeiro, no dia 21 de junho de 1839. Filho de pais humildes, ficou órfão de mãe muito cedo e, por isso foi criado com sua madrasta, em 1851 seu pai também morreu.

Machado Assis escreveu nove romances. Os primeiros – *Ressurreição*, *A Mão e a Luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*. Além de outros famosos como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*.

Fonte:

<https://www.todamateria.com.br/machado-de-assis/>

https://www.ebiografia.com/machado_assis/

